

# À disposição do julgamento histórico

Luiz Roberto Alves

*Secretário de Educação, Cultura e Esportes do Município de São Bernardo do Campo (1989-92) - Administração Maurício Soares. Professor e pesquisador da USP e do Instituto Metodista de Ensino Superior*

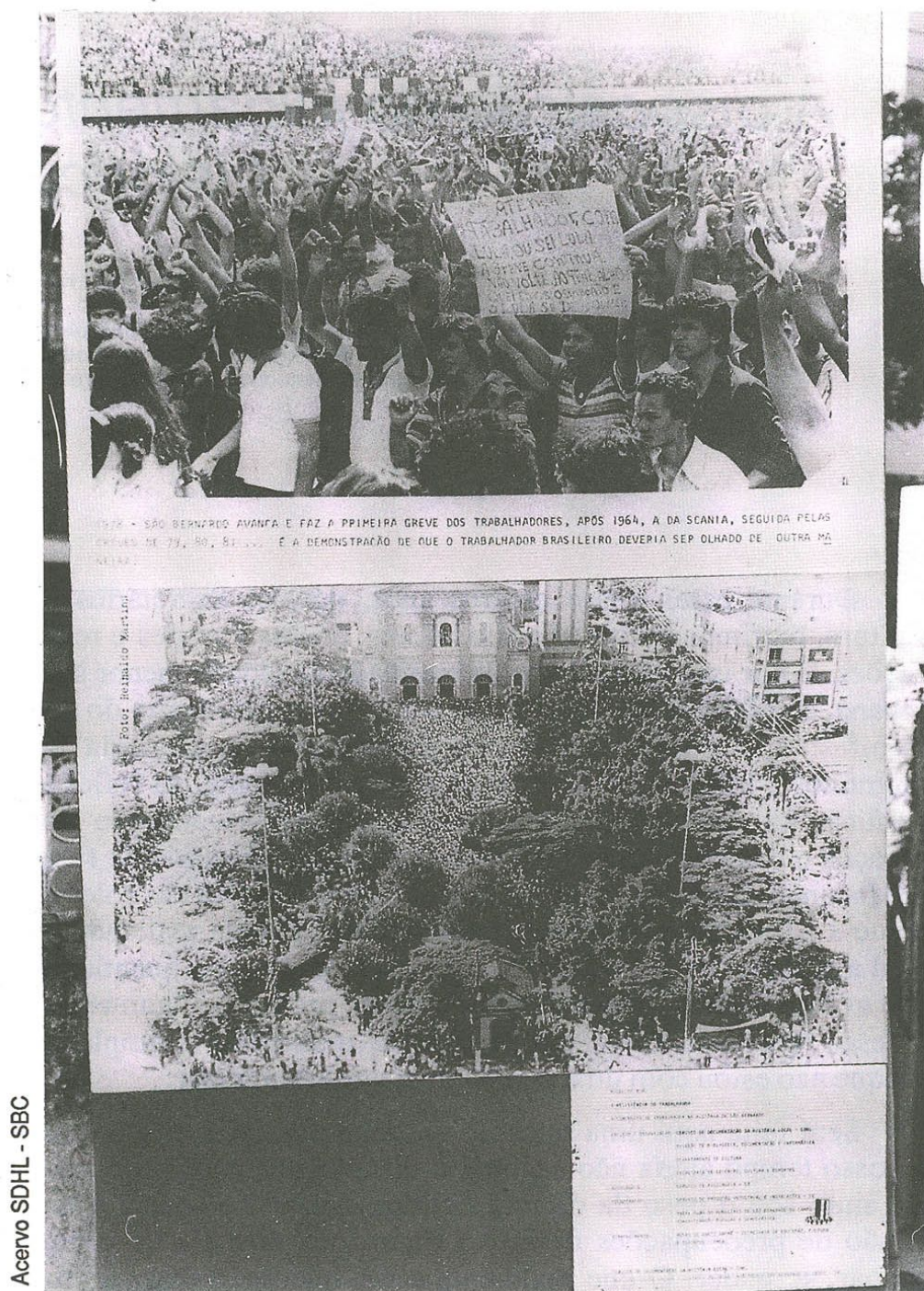
## I

Durante esses quase quatro anos, nós, os Secretários de Cultura, curtimos muito as nossas dores, nossas virtudes e realizações. É por isso que, dentro da realidade da cidade menor sub-urbana, de 600 mil habitantes, que é São Bernardo, muito do que manifestam os colegas Secretários projeta-se lá, na memória dos migrantes e imigrantes, na criança e no adolescente, na reflexão política, na discussão cultural ampla, na desprivatização dos espaços e das construções etc. No entanto, não gostaria de fazer um balanço: como é que se faz balanço de uma coisa tão coletiva como a administração colegiada da cultura? É uma realidade na qual a própria descritividade do balanço já leva a uma quantidade que evidencia uma defesa do que foi feito: prefiro o julgamento à defesa. Nem vou fazer um recorte de momentos exemplares, porque não estou com uma tese sobre o que argumentar.

Será feita aqui uma reflexão descontraída, primeiro porque o nosso tempo ainda não acabou, o distanciamento é pequeno e me sinto sob o peso da derrota política eleitoral e com um turbilhão de preocupações frente ao futuro que gostaria de acompanhar, se puder. O que realmente estou querendo fazer é uma primeira tentativa de digressão razoavelmente distanciada, até onde for possível, com vistas a interpretar a ação cultural de São Bernardo de 89 a 92 sobre três pontos: primeiro, como forma de administração colocada em prática e submetida a julgamento público (considere-se a população como um ser coletivo sábio que, a rigor, sabe o que faz e o que quer, apesar dos meios de comunicação de massa e da política modernosa que nos envolve). Segundo, como um processo de conteúdos que foram operados como diretrizes do Partido dos Trabalhadores. Terceiro, como uma redefinição do campo conceitual de cultura, isto é, até onde nós fomos, até onde não fomos e por quê, não como reflexão

**Como é que se faz balanço de algo tão coletivo como a administração colegiada da cultura?**





## Painéis do "Museu de Rua"

## II



quele momento vestimos a camisa de agente cultural, agente de esporte, agente de educação, de saúde, de transportes etc. E a asunção dessa condição de agente não deixou em nenhum momento de visibilizar as marcas de uma condição de pessoa militante indo trabalhar nesse espaço chamado administração pública. Somos oriundos de um partido que considero orgânico e o melhor do país, mas que, por isso mesmo, tem uma enorme transparência de contradições. Um partido que não conseguiu escapar até então de uma camisa de força de um ideal de cultura que ele define mal, pensa pouco e que está disposto a colocar em dúvida até no mínimo de coesão social que conseguiu definir para a idéia de cultura. Um partido que efetivamente perdeu o direito a reconceitualizar a cultura depois que desistiu de pensar cultura associada a toda uma gama de ações humanas que ocorreram nos anos de 80 a 86 e cuja dimensão de cultura poderia sair do universo das belas-artes para ser este modo de pensar, sentir, fazer que implica pensar o esporte e fazer cultura como ato simbólico de grande qualidade. O PT desistiu, na prática, de realizar essa reconceitualização e assumiu, um pouco no vai-da-vela desse discurso de modernidade, o jeito modernoso de pensar a questão cultural, que evoluiu certamente nos últimos anos entre nós. Por outro lado, estivemos envolvidos por certo despreparo, não pela crítica da máquina em si, que nem merece a crítica como tal.

Acontece que estávamos despreparados para descodificar um sistema de valores dessa organização. Não é possível que entremos numa relação de desigualdade na descodificação. Assim como a relação colonizador-colonizado só se dá para valer quando há condições da mínima visibilidade de descodificar,

**O PT não conseguiu escapar da camisa de força de um ideal de cultura que ele define mal, pensa pouco e que coloca em dúvida**

**Estávamos despreparados para descodificar um sistema de valores da máquina administrativa**



Acervo SDHL - SBC

Abertura oficial do Seminário sobre Patrimônio Cultural de São Bernardo do Campo



um nível de proximidade ou de similaridade, que não nos ocorreu. É necessário deixar sempre claro que é possível dialetizar o sentido da máquina, isto é, produzir uma semântica dos trabalhadores da máquina, portanto dialetizar a relação entre a máquina e aquela gente que trabalha nela, que tem condições de repensar aspectos de sua própria vida e refazer-se como pessoa.

### III

**Verificou-se uma efervescência incrível na busca da memória na tentativa de descobertas das raízes**

Nós, administradores-agentes, com a carga de cultura dentro de nós, dentro do nosso próprio coração, chegamos em 89 e vimos a cidade nascida sob o signo da modernidade burguesa como, ademais, todas as cidades do Brasil. O professor Milton Santos tem razão ao dizer que nenhuma das nossas cidades tem o signo do velho, mas sim o signo da modernidade em si e até intuem e fazem questão de ser plenamente modernas. No entanto, há um espaço de forte provincianismo, política de clientela e organização oligárquica, o que já implica numa dialetização evidente das relações entre o erudito e o popular. Se o popular é a marca visível, o erudito é marca da intencionalidade. Se o popular é o que está claro ali, trabalhando com a forja na mão, o erudito é a marca da intervenção política suburbana que se realiza numa espécie de iluminação que vem de intervenções típicas de um Ademar de Barros e de coronelismos políticos que somam um universo dos mais tradicionais do país, a despeito desse jeitão moderno de cidade pra frente. Ao mesmo tempo, uma cidade que porta as contradições sociais do país, no jogo dessa liberal-modernidade em que todos estamos envolvidos, é também uma cidade com esta marca de suburbana, de diminuída politicamente na relação com a metrópole e até na ação política que se faz visando à manutenção dessa modernidade burguesa. Verificou-se, no entanto, uma efervescência incrível na busca da memória, na tentativa de descoberta de raízes, na medida em que elas possam ser descobertas pelo tombamento do espaço que estava sendo descaracterizado ou do espaço teatral que tem um "proprietário" ou de um campo de futebol que também tem um dono que pega a chave, bota cadeado, leva para casa e abre quando bem entende, depois chega com seu grupinho e novamente fecha e vai-se embora.

Nós trabalhamos com essa realidade que estava à vista a cada passo. Por exemplo, as bibliotecas serviam quase que exclusivamente como ausência da escola pública no que tange





Biblioteca nos bairros-Parque São Bernardo

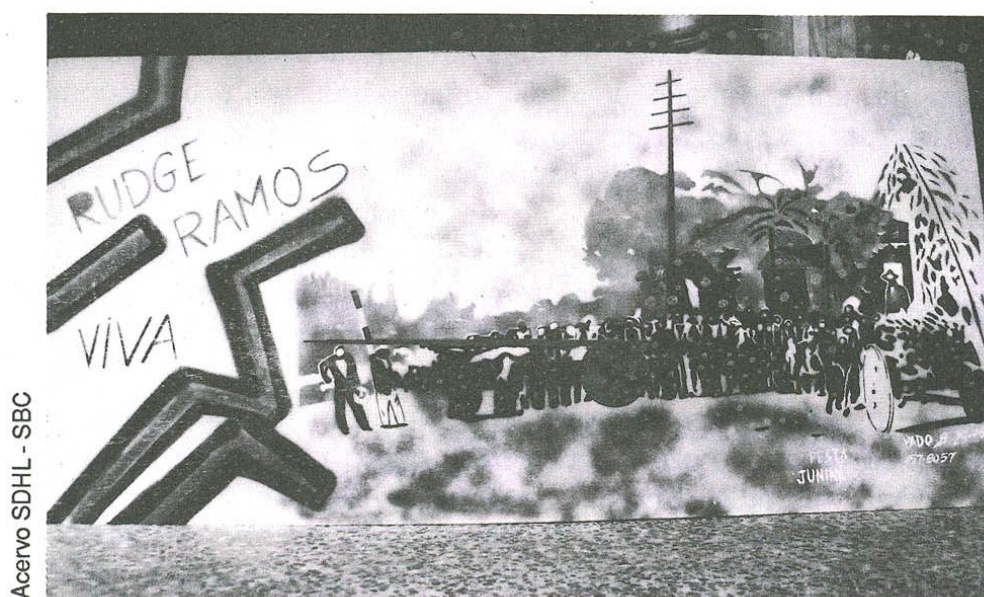
à dimensão da leitura e que não tem competência para pensar outros sujeitos, outros agentes sociais. As novas diretrizes fizeram das 6 bibliotecas centros de produção e circulação do saber. Assim também os Centros de Convivência, até então impossíveis de se pensar numa sociedade que estimulava o fragmentar das coisas. Pois foi nessa fragmentação que se moveu o suburbano, sob intervenção contínua. Os Centros de Convivência (já construídos seis) que incluíram creche, EMEI, serviço de saúde, equipamentos de cultura, esporte, lazer e reunião, tornaram-se pontos de encontro dos bairros e possibilitaram economia na construção e manutenção. E creio que ela ainda está vitoriosa pelos resultados eleitorais pois ela nutre o mito da antiga abundância da cidade industrial, hoje com ICMS decrescente. Lembro-me de um espaço de artes plásticas de um corporativismo brutal, que foi um local de exposição, depois teve o nome de escola privatizada, depois teve o nome de associação e depois constituiu-se em escritório político dos fascistas. Então, foi necessário recuperar à força, com ameaças de morte sob calibre 38, felizmente não consumadas. Ou então o espaço do idoso, absolutamente inexistente porque o idoso é sempre uma "fruta chupada" do sistema capitalista de produção e não havia nada que o pensasse a não ser a própria ausência. Então, a boa organização em 3 anos de trabalho dá sinal de como é que se conseguiu ver razoavelmente bem para onde caminharia essa relação política nova que se via em 89 na cidade.

**O idoso é  
sempre uma  
"fruta chupada"  
do sistema  
capitalista de  
produção**



#### IV

O fato é que, para mim, aquilo que Durkheim chamou de *densidade material* e *densidade moral*, que também chamou de *densidade dinâmica*, indispensável nessa relação que pode ser chamada de dialética porque vai se dar por um equilíbrio/desequilíbrio de como é que as forças produzem na cidade como espaço de cultura, espaço de vida; fica claro, assim, o que aconteceu nesse tempo conosco. Eu sinto a cidade de São Bernardo como um espaço de intensa densidade moral, ou densidade dinâmica, incluídas as falas e os movimentos sociais que ali se deram e que continuaram se dando nestes tempos de governo do PT, mas que ao mesmo tempo beijava a mão da provincialidade burguesa que continuou quase que indelével como uma marca que aponta para nós para dizer que o buraco é mais embaixo e há coisas que absolutamente a gente ainda não entendeu. A utopia se enrosca no mito por falta de maior radicalidade histórica. De toda forma, o PT de São Bernardo do Campo, acreditando, com alguma falsidade, ser ele o escrivão dessa densidade dinâmica, foi se constituindo aos poucos como um cartório de registro da densidade material da cidade, aguçada ainda mais pela geometria das necessidades populares que levavam a um pedir, a um exigir, um buscar e um fazer contínuos no sentido mais material e materialista possível. Aos poucos a gente ia, de certa forma, se negando. O PT de São Bernardo foi, assim, negando o seu papel cultural, foi negando o seu próprio direito de produzir uma organicidade dessa nova densidade dinâmica que estava à dispo-



Festejos de Aniversário da Cidade-Painéis pintados pelo artista Vado do Cachimbo



---

sição ali. Não articulou essa organicidade e, ao contrário, foi-se reinterpenetrar pela cultura política tradicional que vai criando uma simbolização de fato até o ponto de se dizer assim: "bom, eu posso tocar essa cidade agora, ela está para mim outra vez".

A nossa matemática vai somando aritmeticamente essa densidade moral, dinâmica, essa criação de valores que vai loucamente tentando fazer um trabalho cultural enquanto há uma subtração geométrica nessa vertigem moderna de exigências, de pedidos demasiados, de corporativismos, de exigências de construções aqui e acolá. Isso foi subtraído em espaço da criação de uma cultura política e de políticas de cultura em uma cidade como São Bernardo que então se reflete no resultado político-eleitoral recente. Então, aquela boa e revoltosa densidade dinâmica vai morrendo na praia da própria materialidade da cidade. Materialidade dos objetos, da manutenção dos equipamentos, das construções impossibilitadas, mas também não dialogadas sobre o porquê da impossibilidade das quantidades que ainda são muito centrais nesse projeto capitalista de vida, da falta dos guardas e dos vigilantes na porta do teatro, no desequilíbrio orçamentário, nos prazos não cumpridos em razão dos planos econômicos do próprio governo central. Daquilo que não se fez no espaço do vereador X ou do artista Y e isso eu chamaria de uma materialidade que interfere e subtrai geometricamente aquele esforço incrível de 24 horas por dia.

## V

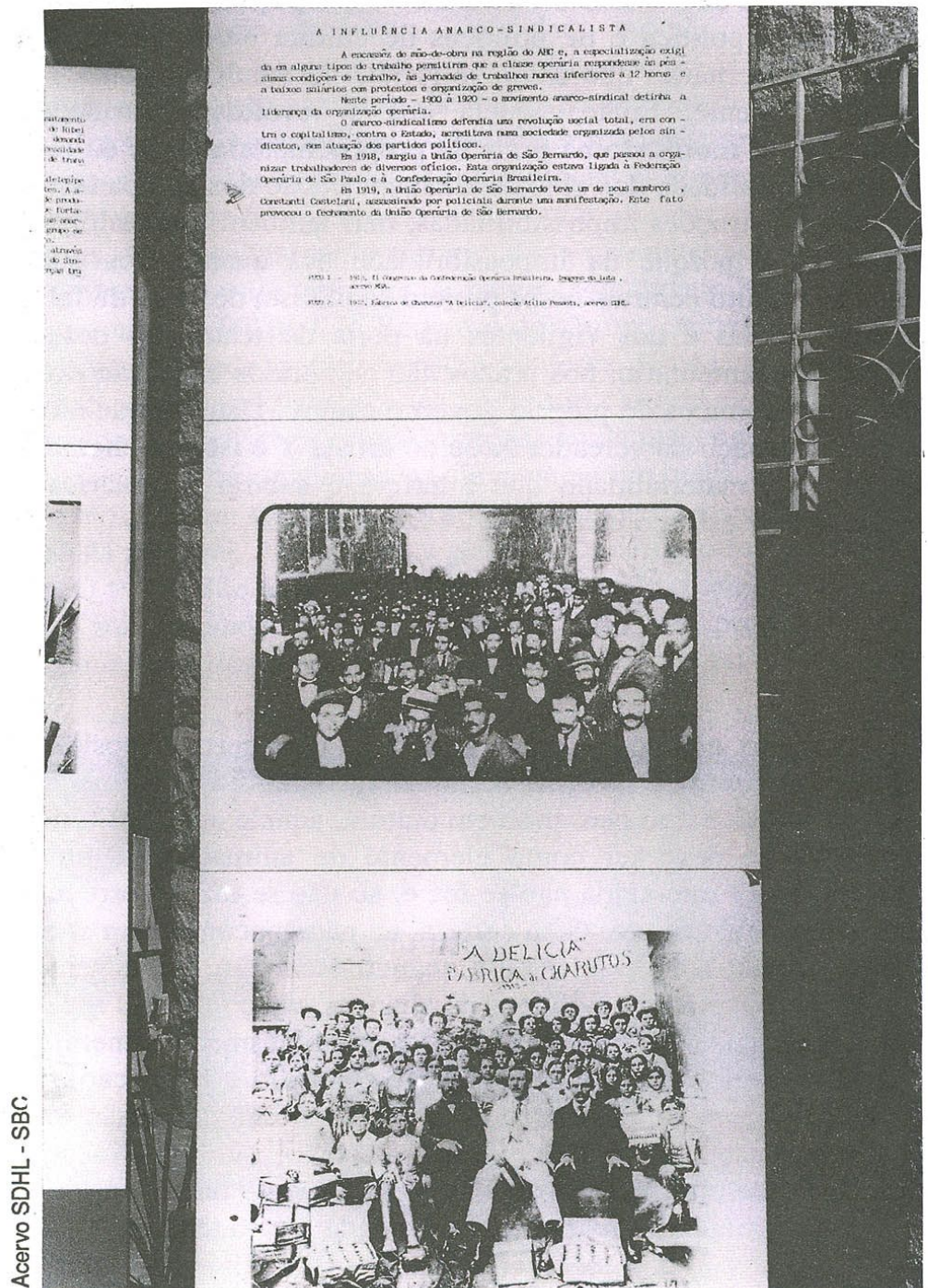
Portanto, coloco-me como emissário, com certa disposição a um julgamento da formada administração pública aqui aberta. Nesse sentido, estou pensando em cultura, aquele apelo cultural local que se deve ter como elemento de animação de uma política do PT que ainda não se fez e, ao não se fazer, corre todos os riscos do futuro. Com certeza, eu não concordo nem com o José Dirceu nem com o Lula quando escrevem que a gente perdeu porque não fez políticas de alianças, visto que eles ignoram a localidade possível das alianças e simplesmente generalizam isto. Creio que teríamos de ter estimulado a revelação de um novo sistema de valores aceito por um mínimo de coesão social nos espaços da cidade. Acredito, então, que haveria um avanço na cultura política do PT. Vejo avanços nas operações dos nossos conteúdos no trabalho da cidade como têm mostrado os secretários e podem ser apontadas também muitas outras ações. Fico disposto a uma curiosidade dialética, na redefinição

**Cultura, apelo  
cultural local  
que se deve ter  
como elemento  
de animação de  
uma política do  
PT que ainda  
não se fez**



dos campos de cultura dos novos governos, o que deve gerar o confronto entre um governo como o nosso e governos de direita. Disponho-me ao julgamento para o aprendizado.

Quanto aos avanços, os sinais disso podem ser sentidos o tempo todo. Nós que trabalhamos, sentimos isso. Eu creio que tivemos um desenvolvimento enorme na política que pode ser chamado de processo de criação, veiculação e consumo. Trabalhamos em uma cidade com 30 anos de uma experiência



Painéis do "Museu de Rua"



política muito similar, com poucas mudanças estruturais. Só quem olhava de fora via a mudança porque via o movimento de trabalhadores que não é o todo da cidade. É necessário penetrar nela e conhecer o mundo do subúrbio com todos os valores da dignidade que esse mundo tem para que se possa ver quem consome cultura, quem inspira a vida por dentro dela e quem vai às atividades. Foi preciso abrir urgentemente um espaço para um processo que, para chegar a ser de consumo, tinha de ser primeiro de produção. Para chegar a ser de consumo, tinha primeiro de ser feito com as mãos, com o corpo, com a voz, com o gesto. E é isso que se esforçou por fazer nos diversos bairros da cidade, criando projetos - piloto e não-piloto de ação cultural que iam das brincadeiras à biblioteca circulante (que muitas vezes teve mais livros entregues às crianças do que nas bibliotecas centrais). Quantas vezes isso aconteceu na quantidade (e suponho também na qualidade) pela voracidade, pela animação do ato de ler que se vê nas crianças da periferia. Isso poderia ser traduzido assim: os consumidores do futuro devem estar sendo preparados por nós e eu pago para ver pela criação do produtor do presente que no ato de trabalhar com as suas mãos e com a sua vida deve estar se aliando para depois ganhar os novos espaços da cidade. Alguém vai chegar ao Centro Cultural Vera Cruz do futuro, que ainda não existe a rigor, vindo de uma experiência em que ele já não marca as fronteiras da cidade como elemento de violência contra si, mas agora ele começa a resistir e depois ele chega a propor, então ele passa a ser aquele que vai consumir porque cria e porque veicula uma nova informação dentro de si e para os outros. Isso fizemos o tempo todo.

**Tivemos um desenvolvimento enorme no processo de criação, veiculação e consumo**

## VI

A interação foi uma coisa fundamental. Começou por desprivatizar espaços. Ex-espços públicos viraram espaços privados no decorrer desses 30 anos de história "res-publicana" de São Bernardo, porque antes era só um espaço de intervenção, um espaço mais diminuído como autonomia política. Mas a desprivatização ocorreu numa interação que já trazia dentro de si espaços que eram para diversas atividades e nunca numa direção única. Apesar de 1,25% do orçamento da Prefeitura para cultura ou 4% dentro dos 25% da educação, compartilhamos da forma mais triste por cultura, esporte e educação, de uma Secretaria que não aumentou mais do que 10% do seu fun-



**Refizemos com os funcionários todo um círculo de reflexão sobre o que é ser funcionário público ou servidor público ou aquele que serve ao público**

cionalismo, mas que consegue realizar 20 ou 30 projetos novos com o mesmo pessoal.

Para tanto, refizemos com os funcionários todo um círculo de reflexão sobre o que é ser funcionário público, ou servidor público, ou aquele que serve ao público. Uma verdade que se buscou o tempo todo. Então posso me sentir muito feliz com os resultados. Eu não tenho nenhuma felicidade com os resultados eleitorais, tenho alegria com os resultados da relação pessoal no ato de refazer a idéia do sentido de servir ao público. Pago para ver a seqüência. Ver se é verdade o que estou pensando ou se é mais uma falsidade, mais uma ilusão que estou tendo sobre o próprio futuro, agora com a administração de outra espécie e seu encontro cara-a-cara com este funcionalismo para o qual dedicamos tanto tempo, investimento e esforço.

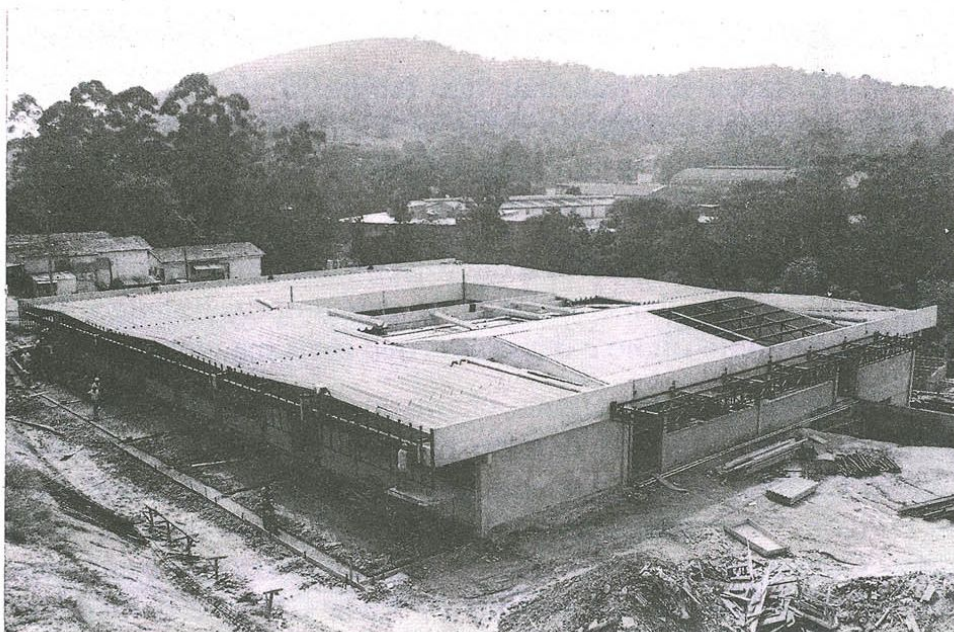
## VII

Creio que avançamos no que chamarei de sinalização anti-clientelística e não autoritária. É o confronto com os líderes de 30 anos de experiência, entre eles os vereadores. Espaços divididíssimos, diferentemente de outras cidades. São Bernardo é uma cidade que tem um índice de reposição e de renovação na Câmara Municipal muito pequeno. Se outras chegam a 60% lá dá 20%, 25%, 30% e sempre é assim, como se fossem os melhores vereadores do mundo e no entanto muitos são péssimos como fiscalizadores e mobilizadores, reelegendo-se pelo esquema clientelista. O que acontece é que eles marcam bem os seus espaços. Então há este infeliz Secretário, que nega as coisas nos espaços do clientelismo, na cidade em que parece que o ato de ser vereador é o de garantir o futuro para o bolso e para o coração das pessoas. Como se isso fosse a coisa mais importante do país.

**Creio que avançamos na sinalização anticlientelística e não autoritária**

Ser anti-clientelista é não permitir que uma criança que vai para um Centro de Convivência seja tirada da fila de espera por uma outra a pedido de um vereador num ato de profunda violência contra ela e sua mãe, sua família que ali está esperando, ou para entrar em uma creche (que a gente não chama mais de creche porque inseriu-se num processo educativo e cultural de 0 a 6 anos na cidade), ou então pelo uso dos espaços com cadeados, tão comuns antes, todos eliminados até agora. Também estou pagando para ver como vai se dar a seqüência disso. Se tudo volta ao antes ou se dialetiza na novidade.





Acervo SDHL - SBC  
Mário Ishimoto

Obras do Centro de Convivência do bairro Batistini, 1991

Acho que também avançamos num novo sentido de qualidade. Havia aquela questão com o funcionalismo, 30 anos de tradição, como é que movemos esse barco. Creio que fizemos com certa dignidade essa relação pelo discurso que ouvi. Não foi um discurso só antes das eleições, ou um discurso depois, mas um discurso de agora, recentíssimo, de muitos funcionários comentando o que é que significou a experiência. Um me dizia: "nós, depois de mais de 20 anos sem um trabalho cultural inserido na vida da cidade, vimos os teatros reabertos, as bibliotecas ampliadas, as relações com o esporte e com a educação foram integradas e eu tenho notícias, apesar de tudo, de que 70% da comissão de cultura deve ter votado no Walter Demarchi" (candidato da oposição, PTB-PMDB-PPS, eleito).

## VIII

Tenho colocado um novo problema para nós pensarmos, qual seja: há coisas que a gente ainda não entendeu sobre o modo como se dão as operações no encontro de projetos políticos. No entanto, já desconfiamos que a pedagogia do encontro/confronto exige pensar:

1. Não há o plenamente novo que rechaça o anterior;
2. A expectativa do funcionalismo exige intensos diálogos;



**Fizemos com que as pessoas se encontrassem e sentissem a interdisciplinaridade em que estão envolvidas, a complementaridade do seu próprio trabalho**

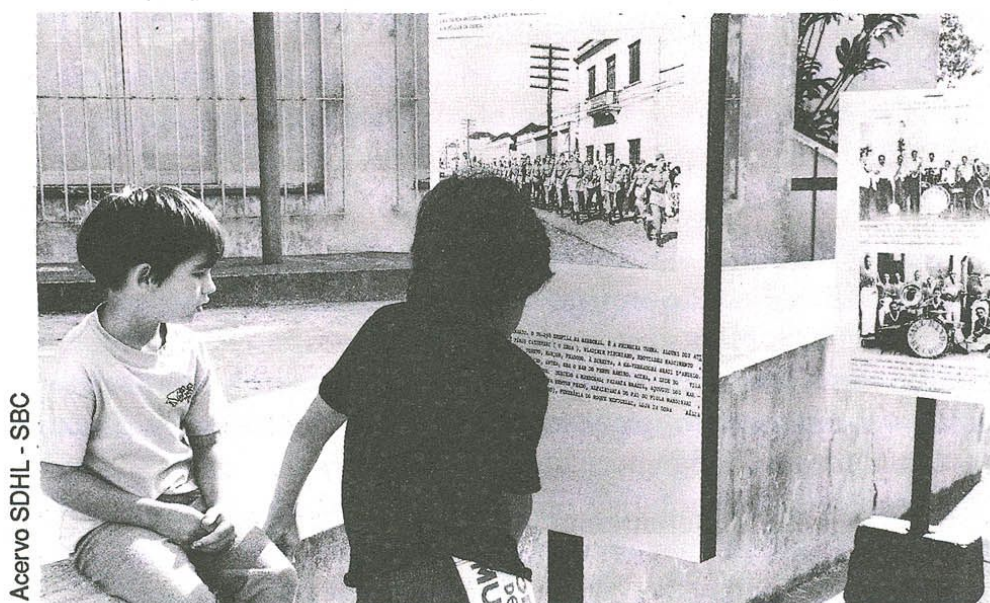
3. A transparência não pode deixar espaços obscuros;
4. É essencial trabalhar na recriação de uma cultura política com direito evidente à cidade, condição para o lançamento de políticas culturais.

Mas nós tivemos outros avanços. Fizemos com que pessoas se encontrassem e sentissem a interdisciplinaridade em que estão envolvidas, a complementaridade do seu próprio trabalho. Isso me pareceu muito digno e das coisas que mais me alegraram.

Pudemos garantir alguns chamados grandes espaços para o futuro (que corremos o risco de perder) isto é, o possível Centro Cultural Vera Cruz com projeto da Lina Bo Bardi para os antigos e excelentes galpões da Cia. Cinematográfica Vera Cruz. Conseguimos evitar que se transformasse em estacionamento, supermercado ou estúdio da Rede Globo e o mantivemos como espaço de recomposição da memória do cinema nacional porque ali foram os estúdios da Vera Cruz e, ao mesmo tempo, com o projeto da Lina Bo Bardi garante-se um espaço de vida, de convivência, de um fazer cultural que vai do sambódromo até expressões mais sofisticadas. Esperaremos para curti-lo depois como cidadãos de São Bernardo e ver a sequência que isso vai ter.

**Mantivemos o Vera Cruz como espaço de recomposição da memória do cinema nacional**

Fico, também, numa curiosidade dialética quanto a este futuro próximo. Penso no que significará, culturalmente falando, o tipo de *currículo* que nós propusemos à escola pública de São Bernardo e que é altamente integrador das dimensões do fazer cultura, do agir com o seu corpo e ir além do sentido tradicional da cultura que é o ato formal da educação. Este



Jovens observando os painéis "Museu de Rua"



currículo está aí, quatro anos de trabalho, quando poderíamos ter feito alguma coisa rápida para que a escola absorvesse essa dimensão cultural nova. Mas assumimos fazê-lo passo a passo com o magistério, com agentes culturais, com agentes de esporte e o preparamos agora. Já curtimos parte dele porque já foi testado. Agora ele depende de qual é a base cultural e política que nós construímos para que essa gente toda, agora como funcionários e cidadãos, possa dar sequência ao projeto no próximo governo.

## IX

Políticas da relação entre cultura e meio ambiente serão fundamentais para quem tem uma represa como a Billings aos seus pés, para quem tem uma Mata Atlântica ao seu lado, para quem tem um índice de poluição terrível, para quem tem um nível de saúde diminuída. Nessas condições, criamos um sistema de sensibilização incrível com a criançada, tendo mais de 30 a 40 mil crianças envolvidas de alguma forma nesses projetos que se ligam à Serra do Mar e em colaboração com a Eletropaulo e a Prefeitura de Cubatão, criando um jeito de pensar cultura que tenha a voz ecológica. Agora ficamos na expectativa de ver para onde vai! Bem organizado está, a questão agora é de sequência. Os idosos já prometeram que continuarão na luta e eu fico na curiosidade animada de estar próximo e acompanhar bem. Se você abrir uma brecha aos idosos, eles escanca-

**Políticas da relação entre cultura e meio ambiente serão fundamentais para quem tem uma represa Billings aos seus pés. Criar um jeito de pensar cultura que tenha a voz ecológica**



2º Mutirão para plantio de árvores, 1991

Acervo SDHL - SBC  
Mário Ishimoto



ram as portas, porque parece que há uma represa incrível no coração deles, especialmente das mulheres. Quase toda a população de idosos de São Bernardo tem 90% da presença ativa de mulheres. Já criaram peças, criaram atividades relacionadas às crianças, são capazes de ir à escola para trabalhar em uma relação com o magistério. Isto é uma forma de colaboração muito bonita, que eu espero poder ter sequência e sinto promessas de que deve ter uma base humana construída com uma política cultural já mais ou menos subjacente na retina da memória deles.

## X

Quanto à direção do projeto cultural, o PT matou de alguma forma a idéia dos conselhos populares e nós tentamos inventar alguma coisa que fosse mista: público-institucional. Na nucleação cultural que a cidade sofreu, há comissões em todos os lugares. Elas são díspares, plurais, mas têm o tom, a cara do local, do bairro, da vila onde estão colocadas e vivem. Estou na expectativa de ver que essas comissões, que de fato existem e planejam com os agentes culturais, nomeados e de carreira, têm possibilidade de avançar, talvez de confrontar, talvez de resistir. Depende agora do jogo de poder que se dará na cidade.

**Nós, os petistas, temos de aprender que o progresso ideológico não é necessariamente um progresso cultural**

Há, finalmente, algumas lições que julgo úteis ao refletir sobre cultura e para pensar com os interessados que temos de aprender, nós os petistas, que o progresso ideológico não é necessariamente um progresso cultural. Há uma defasagem, uma distância entre a nossa forma que produz ideologia e a nossa ação que produz cultura e acho que nos espaços do PT há um enorme atraso do elemento número dois em relação ao elemento número um, o que provoca violência dentro de nós. Creio que não há vacinas muito seguras contra as contramarchas na acumulação de uma cultura política que pudesse engendrar políticas culturais em todas as políticas. Não há vacinas seguras contra isso. A vigilância e a sensibilidade contínuas podem ser alguns remédios para a gente ter base sólida de uma cultura em politização, com vistas a poder produzir políticas de cultura que possam enfrenar esse jeito modernoso pelo qual vai se trabalhando neste país sempre com grandes chances de a gente embarcar nele, como nos prova a história de 1822, 1889 e 1930, que vale a pena repensar.



## XI

Acompanhei com a maior atenção o trabalho cultural das grandes cidades, mas também estivemos em Icapuí, no Ceará, com mil habitantes. Fui a Icapuí curtir a conversa com aquela gente que fez um trabalho cultural brilhantíssimo naquela cidade, bem como fui a algumas cidades de Minas. O exemplo de Icapuí é marcante, onde o treinamento das crianças se faz nas dunas para fazer ginástica olímpica, onde a quadra é o único teatro da cidade, substituindo a igreja católica antiga e simbólica, onde a leitura se faz sob o sol a mais de 40°C e mesmo assim houve uma animação cultural naquela cidadezinha cearense de beira-mar: essa parece ser a própria proposta não-grega, não-ocidental e nem nossa de produzir um novo sentido para a idéia de cidade. Nós também tentamos fazer isso. Vale a pena até ter esperança de não parar, não só de pensar, como de agir, cidadãos a acumular o sentido da idéia de cidade que ajudamos a elaborar esse tempo todo e que em parte se concretizou. Da próxima vez, sejamos mais radicais.

**Da próxima vez,  
sejamos mais  
radicais**

### NOTA

Texto editado a partir da fala de Luiz Roberto Alves no Seminário "Desafios de uma Gestão Cultural Democrática" realizado no Instituto Pólis, em novembro de 1992.